



M MASSAS

ORGAO DO PARTIDO OPERARIO REVOLUCIONÁRIO – MEMBRO DO COMITÉ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

27 de Fevereiro de 2011

Manifesto do Partido Operário Revolucionário

**Que as massas em armas tomem o poder na Líbia!
Que varram a ditadura feudal-burguesa de Kadafi!
Que constituam um governo revolucionário!
Que coloquem a economia sob o controle da classe operária e dos demais explorados!
Que rechacem a intervenção do imperialismo!**

Em onze dias de choque das massas contra Kadafi, a situação da crise clareou. A maioria da população líbia não mais suporta os retrocessos econômicos e sociais. O levante que vem se generalizando do leste para o restante do País não deixa dúvida de que expressa um basta à ditadura feudal-burguesa da família Kadafi e dos chefes tribais que tiveram privilégios garantidos nesse mais de 40 anos de governo. A matança de manifestantes indica que a ditadura esgotada pugna por sobreviver e garantir os privilégios de casta permitidos pelos recursos petrolíferos.

O imperialismo foi tomado de surpresa – assim como na Tunísia e Egito. A rapidez com o governo começou a se desintegrar golpeado pela onda crescente de sublevação não permitiu uma rápida ação dos Estados Unidos. Mas, nesses últimos dias, a ONU estabeleceu uma diretriz para intervir. Procura coordenar uma ação do imperialismo. A resolução aprovada no Conselho de Segurança se limita a sanções específicas a Kadafi e a seu governo. A proposta de criar uma zona de exclusão militar não prosperou, mas pode vir a prosperar. As potências têm um plano de ação militar pronto, cujo arquiteto são os Estados Unidos, que bombardearam o Líbano em 1986.

Resguardados pela máscara de Defesa dos Direitos Humanos, os colonialistas usam o seu poder armado para decidir o destino dos países insubordinados ou que estão por se insubordinarem. O fuzilamento da população desarmada tem servido ao imperialismo para justificar uma possível ingerência direta e para decretar o fim do reinado de Kadafi. É decisivo para a revolução democrática em marcha que os sublevados rejeitem a “ajuda” do imperialismo e que o proletariado mundial se manifeste contra o intervencionismo da ONU, dos Estados Unidos, da UEE e de todos que se alinham por detrás das potências.

O povo líbio em armas está respondendo aos ataques da fração militar leal a Kadafi, das milícias e dos mercenários com o método insurrecional e com a criação de organizações independentes. Nenhuma força externa que não seja a do proletariado internacional deve ser admitida. As potências expressam os interesses econômicos das petroleiras e do capital financeiro. Coordena-se sob o teto da ONU para defender a ordem capitalista. Os Direitos Humanos e a democracia das potências, portanto, estão a serviço da opressão nacional e social.

É necessário, também, rejeitar a posição do estalinismo e do castro-estalinismo que lançaram a suspeita de que por trás do levante está o imperialismo e a reação tribal, e que por isso saem em defesa, mais ou menos aberta, da ditadura de Kadafi. Trata-se de falso argumento. O regime de Kadafi há muito abandonou o nacionalismo e assumiu posições pró-imperialistas. Afastou-se das massas líbias que o apoiaram no golpe de 1969 e o acompanharam no seu feudal-capitalismo por muito tempo. Um dos fatores fundamentais por trás do levante é a política entreguista e venal da autocracia de Kadafi. Ao contrário de defender a ditadura de Kadafi em nome da luta contra o imperialismo, como faz o estalinismo, está colocado para o movimento a sua constituição em frente única antiimperialista, que expresse a independência de classe e a unidade das massas contra o regime opressor.

Sem dúvida, vieram à tona as contradições históricas do capitalismo atrasado e semicolonial. A preservação de relações econômicas e sociais tribais, o peso extraordinário do petróleo e a penetração das multinacionais nos últimos dez anos irromperam-se em suas contradições na forma de rebelião contra um regime político arcaico que não permite o desenvolvimento das forças produtivas. Não há, certamente, que desconhecer as manifestações tribais e a possibilidade de fragmentação da Líbia, o que seria uma volta negativa ao passado.

Sob a centralização despótica de Kadafi, a Líbia conheceu avanços capitalistas, mas cujo alcance não logrou extirpar o tribalismo e nem libertou o País da condição semicolonial. Essa centralização entrou em choque com a necessidade de derrubar os obstáculos que bloqueiam o avanço econômico e social. Mas quem deve resolver as contradições são os líbios. A intervenção do imperialismo e a constituição de um novo governo atrelado à burguesia mundial resultariam no contrário dessa tarefa. Temos inúmeros exemplos, mas bastam os bombardeios da OTAN na crise separatista do ex-Iugoslávia, submetida ao processo de restauração capitalista.

Uma das preocupações dos Estados Unidos é que não houve tempo para penetrar no seio do regime, como ocorreu na maioria das autocracias árabes. No Egito, a intervenção norteamericana se deu por meio das Forças Armadas. Evitou-se que o exército se lançasse contra as massas para salvar uma ditadura moribunda – isso depois dos insurretos, diante de seus mortos, indicarem que estavam dispostos a tombar em luta – e se organizou uma saída contra-revolucionária por meio de um golpe palaciano. A oposição burguesa se identificou e se apresentou como alternativa para quebrar a marcha da revolução democrática.

E na Líbia em que não se vive essa dinâmica? O imperialismo tem o plano de invadir o país em caso de imperante necessidade e impor um governo fantoche. Essa via não é fácil, uma vez que no fundo da rebelião está a opressão nacional. O mais provável é que influencie forças burguesas e pequeno-burguesas a constituírem um governo que carregue o germe da submissão. As notícias ainda não permitem identificar a oposição anti-Kadafi do movimento. Há esperança do imperialismo que surja uma cisão no interior do regime, que inclua militares e burocratas. Um golpe palaciano seria bem vindo. Muitos ratos saltaram do navio que naufraga – diplomatas, ministros e representantes governamentais. Ao imperialismo interessa que caia Kadafi e seu clã, mas que se preserve parte do regime. Assim, se evitará a constituição de um governo saído da revolta, contraposto ao velho regime. Governo que poderia expressar o movimento revolucionário, embora sendo burguês ou pequeno burguês.

O drama da revolução democrática na Líbia é o mesmo que o estampado nos acontecimentos da Tunísia e do Egito: não há o partido revolucionário. O movimento revolucionário democrático se esgota na remoção do ditador e se estanca na soleira do Estado burguês. Na Tunísia, o ditador fugiu com a conivência de seus homens que em parte permaneceram no poder. No Egito, um golpe interrompeu a revolução. Contou para isso com a conivência da direção burguesa e pequeno burguesa.

Impuseram-se as leis da história. Na etapa última do capitalismo, que é a imperialista, não há mais lugar para revoluções burguesas. A revolução democrática, própria dos países semicoloniais, é parte da revolução proletária. As tarefas que

se colocam, as quais a burguesia nacional não cumpriu, serão resolvidas pela classe operária, apoiada na maioria oprimida. É fundamental a estratégia da tomada do poder e a constituição do governo operário e camponês. Somente com a conquista do poder e instalação da ditadura do proletariado, a revolução democrática triunfará. Caso contrário, será estrangulada por um governo incapaz de enfrentar o imperialismo, conquistar a independência nacional, entregar as terras aos camponeses, atacar a miséria e transformar a estrutura econômica. Entre essas tarefas democráticas se encontra a necessidade da Líbia de extinguir o tribalismo e o divisionismo, substituindo-os pela unidade nacional.

O despotismo do regime de Kadafi manteve a Líbia unida à base da força. As mudanças econômicas e o desenvolvimento capitalista mantiveram o País no mais profundo atraso, de forma que não poderiam desencadear um processo de extinção dos restos tribais e do patriarcalismo. O nacionalismo foi uma arma utilizada por Kadafi para viabilizar o regime centralizador, mas no momento em que fez a virada para o imperialismo e abriu as portas para o capital internacional indicou seu esgotamento.

Não por acaso a onda revolucionária que ganhou corpo do Norte da África ao Oriente Médio se forma na situação da crise mundial capitalista. O movimento democrático das massas conflita com a dominação estrangeira, particularmente com a dos Estados Unidos. Mas não tem como avançar sem a direção revolucionária. Não obstante, sem dúvida, abre caminho para colocar as tarefas antiimperialistas e anticapitalistas. Nisso está toda a sua progressividade.

Diante desses acontecimentos, nos damos conta do significado da destruição das conquistas da revolução russa, chinesa, vietnamita, do Leste Europeu e cubana ainda em curso. Destruição essa que implicou a destruição da III Internacional por Josef Stálin, por sua camarilha e pelos partidos comunistas estalinizados. O proletariado líbio, mesmo incipiente, caso estivesse organizado no partido marxista-leninista-trotskyista, juntamente com a maioria explorada, se apoiaria no proletariado mundial para transformar a revolução democrática em socialista.

A enorme vantagem do imperialismo – e nisso reside sua tranquilidade – está em que a revolta popular não está sendo conduzida pela estratégia da revolução e ditadura proletárias. A desvantagem está em que o movimento democrático revolucionário das massas – e esse é seu maior temor – se contrapõe a sua dominação e abre caminho para a vanguarda se elevar à altura histórica de construir o partido e reconstruir a IV Internacional. No Brasil, trabalhamos pela construção do POR. A melhor maneira da classe operária, dos demais explorados e da juventude apoiarem a revolução no Líbano se encontra na defesa do programa.

Viva o levante líbio! Abaixo a regime despótico de Kadafi. Fora o intervencionismo imperialista! Superar a crise de direção construindo o Partido Mundial da Revolução Socialista!